

USOS E APROPRIAÇÕES DA OBRA *1984* NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DESINFORMATIVO DA BRASIL PARALELO

Francisco Fabrício Pereira da Silva¹

Juliano de Mesquita Pinheiros²

Mariana da Silva Santos³

Resumo: Este artigo analisa como a produtora Brasil Paralelo se apropria da obra 1984, de George Orwell, para legitimar e construir seu discurso desinformativo. Utilizando a Análise Audioestrutural de Podcast (AAP), o estudo examina episódios de podcasts produzidos entre 2022 e 2026, com destaque para o programa “Ministério da Verdade”. O referencial teórico articula a Sociologia da recepção, de Gisèle Sapiro, com estudos sociológicos sobre desinformação sistêmica, plataformização e o esvaziamento da percepção de tempo e espaço na modernidade. Os resultados demonstram que a produtora subverte constructos orwellianos — como “Ministério da Verdade”, “novilíngua” e “duplipensar” — por meio de leituras anacrônicas e supra-históricas. Conclui-se que essa estratégia metalinguística visa desacreditar a mídia tradicional e as instituições acadêmicas, fomentando o revisionismo histórico e a “guerra cultural” para consolidar um ecossistema midiático reacionário com finalidades políticas e econômicas.

Palavras-chave: Brasil Paralelo. Desinformação. 1984. Sociologia da Literatura.

USES AND APPROPRIATIONS OF 1984 IN THE CONSTRUCTION OF THE DISINFORMATION DISCOURSE BY BRASIL PARALELO

Abstract: This article analyzes how the production company Brasil Paralelo appropriates George Orwell’s *1984* to legitimize and construct its disinformation discourse. Using Audiostructural Podcast Analysis (AAP), the study examines podcast episodes produced between 2022 and 2026, highlighting the program “Ministério da Verdade”. The theoretical framework articulates Gisèle Sapiro’s Sociology of reception with sociological studies on systemic disinformation, platformization and the emptying of the perception of time and space in modernity. The results demonstrate that the producer subverts Orwellian constructs — such as “Ministério da Verdade”, “newspeak” and “doublethink” — through anachronistic and supra-historical readings. It is concluded that this metalinguistic strategy aims to discredit traditional media and academic institutions, fostering historical revisionism and a “cultural war” to consolidate a reactionary media ecosystem with political and economic purposes.

1 Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Servidor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Email: fabriciops17@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6107745772102487>.

2 Doutorando em Letras pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Servidor efetivo da Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Email: juliano.pinheiro@ufms.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2823834563707857>.

3 Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Servidora Pública Federal do IFAM - Instituto Federal do Amazonas. Email: mariana.silva@ifam.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6368548193361810>.

formization, and the emptying of time and space perception in modernity. Results demonstrate that the company subverts Orwellian constructs—such as “Ministry of Truth,” “Newspeak,” and “Doublethink”—through anachronistic and supra-historical readings. The study concludes that this metalinguistic strategy aims to discredit traditional media and academic institutions, fostering historical revisionism and a “cultural war” to consolidate a reactionary media ecosystem for political and economic gain.

Keywords: Brasil Paralelo. Disinformation. 1984. Sociology of Literature.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central abordar os usos e apropriações da obra *1984*, de George Orwell, pela produtora Brasil Paralelo. Aqui, a sua função como elemento de autoridade no discurso desinformativo da produtora é elencada como um pilar fundamental nessa relação entre mídia e literatura e analisada à luz da Sociologia.

A produtora Brasil Paralelo, fundada em Porto Alegre no ano de 2016, se define em seu site como uma “empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação” e uma “mídia independente”, contando, até então, com mais de 790 mil membros assinantes, mais de 4,93 milhões de inscritos no YouTube e mais de 9,8 milhões de seguidores nas suas redes sociais somadas. Em termos empresariais⁴, a sua missão é “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”, utilizando-se, assim, do discurso patriótico, católico e revisionista como mote para as suas produções e análises. O objetivo da empresa é “ser o maior ecossistema cultural do Brasil”, empreitada assegurada pelo conjunto das produções da empresa, tomando como base o *podcast* da empresa no serviço de *streaming* Spotify.

Dentro dessas produções, muitos dos temas abordados dialogam entre si, até mesmo se repetindo, visando atingir diversos públicos de acordo com a forma com que eles consomem essas produções. Já outros conteúdos compõem uma produção vista apenas como de “topo de funil”, estratégia utilizada para atrair novos usuários/consumidores, distanciando-se, aparentemente, dos temas políticos ou polêmicos, que possuem o intuito de atrair para outras produções da empresa. Essa forma de atuação se mostra efetiva como estratégia para captação de novos usuários/assinantes para a plataforma própria da empresa, a *BP Select*, em especial aqueles que possuem restrições a conteúdos abertamente políticos.

Em linhas gerais, mesmo não falando abertamente sobre política, existe um encadeamento ideológico dentro dessas produções, há um ecossistema de autorreferência que reforça as perspectivas políticas e ideológicas da empresa e de seus colaboradores. Para a análise dessa produção e visando apresentar um direcionamento sociologicamente orientado, partimos das discussões sobre mídia e desinformação que, dentro de um contexto de capitalismo digital, adquirem considerável relevância diante dos seus usos e desusos políticos e, conseqüentemente, os seus impactos nas diversas esferas das sociedades contemporâneas. A partir da perspectiva sociológica, observamos que a atuação da Brasil Paralelo como um fenômeno político e social só se torna possível

4 Informações presentes no Código de Conduta Ética e Compliance da empresa. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/docs/codigo-conduta-etica-compliance.pdf>. Acesso em: 23/03/2026.

devido ao atual estágio do capitalismo na sua vertente neoliberal, que, segundo Fabrício Maciel e Patrícia Mattos (2020, p. 676-677) - ancorado em autores como Colin Crouch, Nancy Fraser, Wendy Brown e Stephen Gill - gera uma crise do sistema democrático, tendo como elementos dessa crise a “descrença da população na política partidária e o clamor por uma política antissistema”, o “crescimento da extrema direita radical, com sua intolerância à diversidade cultural e tradicionalismo, xenofobia, discurso anti-imigração, dentro outros” e, por fim, o “enfraquecimento dos partidos de esquerda”. Esses elementos se apresentam como basilares para as análises sobre a Brasil Paralelo, como apresentaremos ao longo do texto.

Além disso, a atuação da Brasil Paralelo, seja na produção de conteúdo praticamente em escala industrial e a sua relação com as *big techs*⁵, só é possível devido ao desenvolvimento atual do mundo digital: a produção e circulação de conteúdos em larga escala, desinformativos e/ou ideologicamente orientados, que está intrinsecamente ligada à infraestrutura algorítmica e a plataforma da sociedade dentro do capitalismo digital - recorte do neoliberalismo - o que gera um “substrato social” favorável a ascensão de movimentos conservadores, reacionários e de extrema-direita (Cesarino, 2021b).

Aplicando a metodologia proposta para

5 Essa relação fica patente quando observamos que o agir da Brasil Paralelo envolve a compra de termos na busca do Google, não relacionados diretamente com os temas abordados pela produtora, para que a propaganda da empresa seja apresentada aos mais diversos públicos. A produtora figura entre as maiores anunciantes da Meta (Facebook, Instagram, WhatsApp) e em novembro de 2021 atraiu “um tráfego massivo de busca orgânica que custaria impressionantes R\$45 milhões caso fosse comprado”, segundo matéria publicada pelo site Núcleo. Termos como “Família Addams”, “series policiais”, “filmes brasileiro comédia”, são alguns dos termos comprados pela empresa. No entanto, muitos outros termos, inclusive o próprio termo “Brasil Paralelo” impulsionam a publicação do site na página de pesquisa do Google. Em: <https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo/>. Acesso em 23/03/2026.

analisar *podcasts*, em decorrência da grande quantidade de episódios disponíveis, observamos que a Brasil Paralelo apresenta um *modus operandi* seguido com bastante regularidade: a) visando atingir o maior público possível, os temas são abordados de maneira tangencial, apenas pontuando alguns aspectos de forma superficial em meio a outros tópicos, conteúdos de “topo de funil”, isto é, apenas chamarizes para uma discussão maior; b) o tema é abordado de forma específica, de forma acessível e clara para um grande público; c) constrói-se a figura de autoridade sobre o assunto, que também surge em outros episódios reforçando essa imagem de especialista, mesmo quando o tema central não é a sua “especialidade”; essa “familiaridade” contribui com a lógica de ecossistema adotada pela empresa; d) o tema é apresentado de forma teórica mais aprofundada, com maior rigor em sua formulação, conceitualmente, por algum especialista da produtora; e) por fim, há a dimensão prática/política, que apresenta possibilidades de ação, nas redes e fora delas, em torno do assunto.

As apropriações do texto de Orwell estão concentradas majoritariamente em dois elementos da obra 1984: o de “Ministério da Verdade”, departamento “responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes” (Orwell, 2021, p.12), e que inclusive dá título a um dos programas da produtora e está atrelado diretamente à crítica em relação à mídia oficial; e o de *novafala/novilíngua*⁶, constructo literário que consiste na redução do vocabulário para substituir a *velhafala*, como era chamado na obra o inglês padrão. O objetivo desse neologismo era “atender às necessidades ideológicas do Soving,

6 Aqui temos uma questão de tradução do termo original “Newspeak”: nas produções da Brasil Paralelo é utilizado o termo “Novilíngua”; já na tradução da edição brasileira aqui utilizada, o termo é traduzido como “Novafala”. O mesmo acontece com o termo “Doublethink”, que aparece como “duplipensamento” e “duplopensar”, no livro e no podcast, respectivamente. Dessa forma, respeitaremos as opções de tradução considerando ambos os termos como equivalentes.

ou Socialismo Inglês” (p. 347) e “inviabilizar todas as outras formas de pensamento” (p.348), tais como heresias ou pensamentos subversivos, como fica claro nas palavras do personagem Syme, filólogo especialista em Novafala: “Você não vê que a verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito do pensamento? No fim teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo”. (p. 68-69). Dentro da *novafala* há o conceito de “duplipensar/duplipensamento”, que por sua vez, significa a conciliação de pensamentos contraditórios como sendo ambos válidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos campos da Filosofia, da Comunicação Social e do Jornalismo, o debate sobre a chamada pós-verdade e os movimentos de desinformação - conceito utilizado para definir todas essas falsificações que têm como objetivo enganar e/ou lesar propositalmente, visando atingir determinados fins políticos, econômicos, sociais, entre outros, tais como as teorias da conspiração, os boatos, os embustes, sátiras, os trotes, *spam* e, mais recentemente, as *fake news* (Monteiro Filho; Barreto; Mourão, 2024) - buscam situar os limites, impactos e consequências dessas falsificações, tanto no âmbito político como no social.

No ensejo de delimitar conceitualmente a discussão, utilizaremos a definição de Helena Martins Barreto sobre o conceito de desinformação para embasar teoricamente a nossa análise. A autora define o conceito como algo

[...] com o qual se busca ressaltar a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos [...] [pois] o fenômeno da desinformação sofre um esvaziamento analítico quando é resumido à questão da ‘notícia falsa’ e confundido com outras formas de distorção dos fatos, como a sátira e a paródia, ou com conteúdos identificados a determinadas posições ideológicas (Barreto, 2020, p. 10).

A definição apresentada pela autora levanta uma série de questões acerca do atual debate sobre as terminologias que melhor abordam o assunto e que podemos relacionar diretamente ao nosso objeto de estudo. A intencionalidade presente nas produções da Brasil Paralelo visa claramente ganhos políticos, principalmente quando observamos os “alvos” diletos nas produções da empresa, no caso, pessoas e temas ligados à esquerda, assim como o amplo espaço destinado a personalidades, políticos e pautas consideradas de direita/reacionárias/conservadoras.

Após a definição de desinformação, partimos para o próximo referencial teórico em nossa abordagem. Visando compreender os impactos sociais da desinformação, a sua estruturação e suas dinâmicas internas, Raquel Recuero (2024) discute a desinformação como um sistema. No intuito de apresentar uma possível definição, tendo em vista que um sistema está em constante movimento, a autora afirma que

Um sistema desinformativo, assim, é um conjunto de elementos em interação que é capaz de manipular/influenciar ou prejudicar diretamente estados, populações e grupos sociais através de fluxos de conteúdos que formam narrativas que confundem, desacreditam e prejudicam os atores sociais (a desinformação), trazendo dano para a sociedade como um todo. É um sistema parasitário, que emerge das plataformas como mediadores da esfera pública, e se mantém, em sua influência e espalhamento, principalmente através delas. Portanto, compreendemos o sistema desinformativo como um sistema acoplado ao sistema da mídia social, que se estabelece sobre as plataformas e se apropria e é apropriado por elas (Recuero, 2024, p. 30).

Alinhando essas conceitualizações de desinformação e sistema desinformativo com o objeto central de nosso trabalho, partindo da própria perspectiva de “ecossistema” da empresa, apresentamos as terminologias desinformação de primeiro e segundo estágio para compreender a produção midiática da Brasil Paralelo: a desinformação de primeiro estágio diz respeito

à metalinguagem desinformativa dentro dessas produções, isto é, tudo que discute a desinformação enquanto conteúdo e todos os seus desdobramentos, tais como *fake news*, conspiracionismo, revisionismos, descredibilização da mídia, entre outros.

Como define Orlandi (2005), a metalinguagem enquanto crítica social, como a linguagem fala de si mesma, revela as disputas de sentidos, dinâmicas de poder, ideologias e exclusões presentes nos discursos sociais. Nessas disputas discursivas da metalinguagem, os resultados imediatos mais perceptíveis dessa ação da Brasil Paralelo são a solidificação e a naturalização do discurso desinformativo e, por conseguinte, a neutralização de possíveis objeções.

Esse fator é reiterado por diversas vezes dentro das produções da empresa, assim como em textos de Olavo de Carvalho, apoiando-se conscientemente de maneira enganosa no famigerado “Decálogo de Lênin”, falso documento atribuído ao revolucionário russo - assim como ao marxista italiano Antonio Gramsci - e que remete à década de 1950, segundo o qual um dos pontos é “acuse-os do que você faz e chame-os do que você é” e que é utilizado ostensivamente como argumento irredutível contra toda e qualquer crítica de teor político. Contraditoriamente ao que é afirmado em vários episódios do *podcast*, no site oficial da Brasil Paralelo há um artigo que discute o decálogo, negando a autoria de Lênin, porém, apresentando outras falas apontando as “medidas criminosas” do líder soviético.⁷

A desinformação de segundo estágio diz respeito aos efeitos políticos e sociais dessas discussões em uma dimensão prática da realidade: descredibilizando as narrativas que tensionam as perspectivas ideológicas da empresa e de seus colaboradores, produzem-se novas narrativas “inquestionáveis”, uma vez que toda e qualquer

crítica já nasce descredibilizada, ressoando a forte influência da “filosofia” olavista - o sistema de crenças Olavo de Carvalho (Rocha, 2021; Rosa, 2024). Dessa maneira, observamos uma dimensão prática do discurso desinformativo da empresa que surge justamente dessa metalinguagem: a releitura revisionista da história do Brasil, os elementos da “guerra cultural” que, segundo a produtora, o ocidente está enfrentando, tais como o “marxismo cultural”, a manipulação da mídia, a doutrinação nas escolas e universidades, a “ideologia de gênero”, a “Cultura Woke”, entre outros exemplos.

Partindo de uma percepção sociológica, outro elemento que ganha luz ao debate é a questão do tempo, não somente o tempo cronológico, mas as suas durações - no qual as individualidades se sobrepõem ao coletivo e as antigas instituições que serviam de base de sustentação da nova ordem surgida pós-Revolução Francesa se encontram em constante crise, - as suas perspectivas e os seus usos enquanto elemento desinformativo. Zygmunt Bauman caracteriza o período que vivemos como modernidade líquida, período que representa “uma redistribuição e realocação dos ‘poderes de derretimento’ da modernidade” (2001, p.11). A sua compreensão temporal é marcada pela metáfora da fluidez presente nas relações humanas e institucionais, o que resulta em uma visão “individualizada e privatizada” da modernidade. A percepção tempo/espço se esvazia de sua função ontológica, levando os indivíduos aos seus lugares nenhum, ou não-lugares⁸ sem a preocupação da interação, apenas da ação dentro de uma lógica de consumo.

Diante das diferenças entre a pesquisa histórica e a pesquisa sociológica, segundo Elias

8 “Um não-lugar ‘é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história: exemplos incluem aeroportos, autoestradas, anônimos quartos de hotel, transporte público... Jamais na história do mundo os não lugares ocuparam tanto espaço” (Bauman, 2001, p.98).

7 Em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-decalogo-de-lenin>. Acesso em: 23/03/2026.

(2001, p. 27-59), em que a singularidade/individualidade dos fatos em um contexto temporal específico (historiografia) cedem lugar à análise dos processos sociais em sua longa duração (sociologia) - ou dentro da própria duração das figuras, mesmo após as limitações existenciais dos indivíduos que as compõem - e concomitante ao debate sobre o revisionismo histórico nas produções da Brasil Paralelo, a percepção em torno das concepções de tempo dentro da análise sociológica apresenta uma dupla função em nossa proposta: a) como um elemento supra-histórico ou supra-temporal presente nas produções da Brasil Paralelo, no qual diacronia e anacronia se confundem na turbidez da crise comunicacional que norteia tais produções; b) como contexto espaço-temporal único em que uma empresa como a Brasil Paralelo possa existir e ter o alcance que tem.

Sobre a primeira concepção, característica básica de grupos conservadores e reacionários (Stanley, 2018; Lynch; Cassimiro, 2022) percebemos que a empresa apresenta perspectivas e valores considerados “absolutos”, independente do recorte histórico e/ou cultural, reforçando um discurso reacionário que enfatiza valores a-históricos ou de um “passado mítico” nas suas produções, colocando-os em uma eterna arena de combate, o que vai ser denominado como uma guerra cultural. Sobre a segunda concepção, temos uma discussão mais complexa em torno do que a Sociologia define como modernidade e como o estágio atual do capitalismo, o capitalismo digital, permite que a infraestrutura algorítmica interfira quase que na totalidade da vida dos indivíduos e das sociedades, além de fornecer subsídios para compreendermos, como propomos aqui, a relação entre desinformação, pós-verdade e seus impactos políticos e sociais.

Anthony Giddens (1991), ao discutir as consequências da modernidade, aponta uma série de descontinuidades que são marcas tipicamente do nosso período histórico, em especial “a perda da crença no progresso” (1991, p.

20). Esse fator primordial conduzirá a sociedade e os indivíduos a diversos rearranjos sociais, tendo como uma de suas principais características a multidimensionalidade das instituições. Há, também, a separação do tempo e espaço, os quais sofrem com um esvaziamento que é característico da modernidade. Em um contexto de desencaixes e deslocamentos, o global e o local se confundem na densa teia social, o que favorece esses esvaziamentos. Como afirma o autor sobre a separação do tempo e espaço característica da modernidade “envolve acima de tudo o desenvolvimento de uma dimensão ‘vazia’ de tempo, a alavanca principal que também separou o espaço do lugar” (Giddens 2002, p. 22).

Há, dessa forma, um deslocamento na percepção tempo/espaço que caracteriza a relação indivíduo-instituição a partir de determinados conceitos, como *desencaixe*, que se refere “ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (Giddens, 1991, p. 31), que por seu turno, resulta em dois mecanismos ligados às instituições modernas: as *fichas simbólicas* e, cabendo em nossa proposta, o de *sistemas peritos*, definido como “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organiza grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (Giddens, 1991, p.38-39). Ambos os mecanismos

[...] removem as relações sociais das imediações do contexto. Ambos os tipos de mecanismos de desencaixe pressupõem, embora também promovam, a separação entre tempo e espaço como condição do distanciamento tempo-espaço que eles realizam. Um sistema perito desencaixa da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através de tempo-espaço distanciados (Giddens, 1991, p. 39).

Dessa forma, esse deslocamento espaço-temporal permite também com que discursos revisionistas consigam se localizar diacronicamente - ou anacronicamente - entre passado e presente, se beneficiando das múltiplas tensões

políticas construídas e fomentadas pelas redes sociais e pelo mundo digital como um todo. Todas essas questões põem em xeque as “garantias” que os indivíduos têm nas instituições, o que resulta na diminuição da *confiança*, que dentro da teoria sociológica de Giddens, é o que leva à descrença nos chamados *sistemas peritos* e ocasiona uma quebra na relação de confiança entre agência, no caso, a grande mídia, e agentes, gerando, assim, uma crise comunicacional e a busca de soluções alternativas que estabeleçam essa confiança, mesmo que com agências informais.

Letícia Cesarino (2022), por sua vez, analisa a relação tempo-espço a partir da lógica da plataformização. A percepção temporal dos indivíduos já não é mais a do tempo cronológico das máquinas ou do relógio, mas sim das redes sociais, das mídias digitais, conduzido meramente pelo desejo dos algoritmos: “A valência do conteúdo interessa menos que o simples fato do *engajamento*: para os algoritmos, é indiferente se a expressão for de amor ou ódio” (Cesarino, 2022, p. 109).

Dessa maneira, percebemos que a grande fragmentação na percepção sobre o tempo sociológico, da concepção da modernidade até a plataformização do capitalismo digital dos dias de hoje, favorece o surgimento de práticas de desinformação, uma vez que ela é, ao mesmo tempo, uma prática individual e coletiva. A perda de confiança nos sistemas peritos, especialmente a mídia e a escola - ou quaisquer espaços de produção intelectual, uma vez que o anti-cientificismo e o anti-intelectualismo pautados na influência de Olavo de Carvalho se apresentam como pilares de atuação da Brasil Paralelo (Rosa, 2019; 2024), serve como justificativa da busca por meios “alternativos” de informação ao passo que o global/local se confunde em meio à torrente de informações que têm a sua circulação fomentada nas redes através de uma infraestrutura algorítmica.

GEORGE ORWELL, UM PARADOXO

O debate sobre a separação entre o autor e a sua obra (Sapiro, 2022), assim como as disputas em torno dos significados dos bens culturais, que, segundo Gisèle Sapiro, não são reduutíveis “à intenção de seu autor”, pois, “além de o autor não estar sempre consciente do que faz, o significado da obra depende de dois fatores que escapam ao produtor” (2019, p. 8). Esses fatores são: o sentido da obra não existir somente na sua construção interna, “mas também em um espaço dos possíveis nacional ou internacional, cujos contornos são traçados pelo conjunto das produções simbólicas do presente e do passado, dentre as quais ela se situa no momento de sua publicação ou de sua republicação” (p. 8); o segundo fator diz respeito “às apropriações e aos usos que são feitos de uma obra, ao sentido que lhe é conferido e às tentativas de anexação das quais ela é objeto” (p. 8-9).

O segundo fator já foi discutido anteriormente, elemento central de nosso trabalho. Sobre o primeiro fator, nos debruçaremos nele ao desenvolver uma biografia intelectual de Orwell, como um dos “espaços dos possíveis” de análise, não apenas como “ato criador singular”, não apenas como contexto mais “pertinente”, mas como uma forma de melhor compreender o que de social está presente na trajetória intelectual de Orwell. Para tanto, tomamos como base o verbete sobre Orwell escrito por Raymond Williams em sua obra *Cultura e Sociedade* (2011, p. 310-319), no qual o autor apresenta um balanço sobre a trajetória intelectual de Eric Arthur Blair.

Williams define Orwell como um autor marcado pelo paradoxo, tanto na sua vida como na sua obra, em que a honestidade de seus escritos reflete a dualidade do indivíduo social isolado e exilado em uma multidão e na sua experiência no socialismo, seja no seu exílio ou na sua fase errante. A partir dessa experiência é que Williams constrói o perfil intelectual de Orwell.

No entanto, a diferença entre essas experiências é enfatizada visando esclarecer o impacto de cada momento na escrita de Orwell: “há normalmente um princípio no exílio, há sempre apenas relaxamento na vida errante” (p. 315).

No “paradoxo do exílio”, em decorrência das condições materiais de vivência e sobrevivência, o olhar se aguça para aspectos da vida que antes poderiam passar despercebidos, especialmente no contexto de distinção típico da Inglaterra, as “qualidades de percepção”. No entanto, as características de força que o exílio pode trazer se mostram “amplamente ilusórias”, podendo ser classificadas até mesmo como “frágeis” e “histéricas”. Já sobre a fase errante de Orwell, Williams relaciona o seu trabalho ao realizado pelo repórter, de observador imediato, que consegue observar externamente a sua própria sociedade e a sua própria classe - o que não garante, necessariamente, que ele as entenda. Dessa maneira, as primeiras obras literárias de Orwell, notadamente “*Coming up for air*” (“Um pouco de ar, por favor”), apresentam fortemente esse aspecto jornalístico. Williams conclui

[...] seria absurdo culpar Orwell por essa experiência nômade; ele tinha bons motivos para rejeitar os modos de vida que estariam normalmente abertos para ele. Mas ele viu que, no final, a rejeição tinha de ser ratificada por algum princípio: essa era a condição para que a vida errante se transformasse em exílio, algo que, em virtude de sua qualidade, ele reconhecia como melhor. O princípio que ele escolheu foi o socialismo [...]. (p. 315-316).

Esse princípio, o socialismo, vai ser determinante na escrita posterior de Orwell, seja como inspiração ou como crítica, o que vai gerar ambiguidade nas duas principais obras do período: *A Revolução dos Bichos*, publicado em 1945, e *1984*, publicado em 1949. Nessas obras, aponta Williams, o elemento central, mesmo de modo indireto, é a liberdade do indivíduo, assim como o isolamento social diante do sistema, o que é resultado da vida de exilado que Orwell levou durante toda a sua trajetória e que se reflete - não como uma autoficção - na construção

do personagem Winston Smith, protagonista de sua distopia.

Por fim, mesmo com as críticas apresentadas ao longo do texto, Williams conclui o seu texto com uma defesa à Orwell, como um conjunto da obra:

Asseguro, contra outros que criticaram Orwell, que como homem ele era corajoso generoso, honesto e bom e que o paradoxo que é o efeito total de sua obra não deve ser compreendido em termos unicamente pessoais e sim em termos das pressões de toda uma situação (2011, p. 319)

Esses aspectos biográficos também são apresentados pela Brasil Paralelo, porém, visando direcionar o entendimento do público ouvinte-leitor para a perspectiva: o posicionamento antissoviético e anticomunista da obra, apresentada como uma crítica ao governo de Stalin e dos rumos que o movimento comunista tomou durante a Guerra Civil Espanhola, conflito em que Orwell participou como combatente. Contudo, não há, aqui, a preocupação vista em Williams de levar em consideração a construção social e individual de Orwell, apenas o ressentimento com o movimento que o havia traído e perseguido, mesmo nunca tendo abandonado os seus ideais comunistas⁹.

- 9 No episódio “1984 - A distopia de George Orwell explicada” do programa Insight BP - que possui a seguinte descrição: “Hoje em dia o debate surge sem pedir licença. Sempre tem alguém disparando clichês como se fosse o dono da verdade. Através de vídeos didáticos e rápidos, o objetivo do Insight BP é *desmascarar as mentiras* sobre os grandes temas do debate público” (Grifo nosso) -, a descrição biográfica de Orwell se ancora nos eventos que transparecem o ressentimento do autor: “Orwell tinha visto a maneira pela qual os altos ideais e teorias políticas podem ser pisoteados e descartados segundo a conveniência do momento”, “[Orwell] perseguido pelo Partido Comunista e decepcionado com as lutas internas que ele considerava a traição da revolução em nome do poder, decidiu ir embora da Espanha e voltar para a Inglaterra” e, por fim, “A experiência na Espanha e a decepção com o totalitarismo de Stalin forneceu a Orwell temas que ele trabalharia pelo resto da sua vida”. (Em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeVPf79dcZk&t=27s>. Acesso em: 27/04/2026).

Diante dessa perspectiva de direcionamento para o público, podemos apontar a primeira forma de apropriação do autor e da obra pela empresa: a abordagem anacrônica/diacrônica da obra como atemporal, não no sentido do seu valor estético e literário, mas sim como supra-histórica, deslocada do tempo-espço, algo real que já está acontecendo: em 2024, ano em que o episódio foi ao ar, as *teletelas*, equipamentos utilizado pelo partido para vigiar os indivíduos e transmitir propagandas, são apresentadas como sendo os celulares; o cancelamento e os linchamentos virtuais desumanizam os indivíduos, os transformando em *despessoas*, termo utilizado na obra para se referir aos indivíduos eliminados pelo partido; e, mais significativamente, quando, ao se referir às manipulações da história e da memória na obra, o apresentador relaciona com eventos atuais através de notícias: “Todos os livros foram reescritos” é acompanhado das notícias sobre a versão atualizada da obra de Monteiro Lobato¹⁰ e remoções de trechos de romances de Agatha Christie¹¹; “Todas as estradas, ruas e prédios foram rebatizados” seguida da notícia sobre o incêndio da estátua de Borba Gato¹².

No entanto, não há nenhuma explicação crítica em torno dessas notícias e suas motivações, somente a tentativa de direcionar o entendimento do público, assim como é feita com a biografia de Orwell. Aqui temos uma das estruturas de desinformação mais recorrentes,

ancoradas no desvio de sentido e na descontextualização de uma notícia ou de um fato, isto é, desinformar sem mentir (Recuero, 2024, p. 33).

O LIVRO 1984 COMO PILAR DA DESINFORMAÇÃO

A Brasil Paralelo, ao longo de suas produções, vem adotando uma série de formatos e programas visando atingir o maior público possível, especialmente no intuito de converter a sua audiência em assinantes da plataforma própria da empresa. De filmes a análises cotidianas, como a possível camisa vermelha da seleção¹³ e o desenho infantil Galinha Pintadinha¹⁴, a produtora busca se tornar o “maior ecossistema cultural do Brasil”, mesmo ancorando o seu discurso em desinformação, informações inverídicas¹⁵ e

13 Após a notícia de uma possível camisa vermelha da Seleção Brasileira, foi ao ar o episódio “Até no futebol? Aparentamento ideológico está em toda parte”, do programa Magna Carta, apresentado por Ricardo Gomes, no qual ele associa a nova camisa à estratégia de Antonio Gramsci de se apropriar de todos os símbolos culturais da nação, dentro de uma lógica de Guerra Cultural, tema central nas discussões da empresa.

14 Esse exemplo pode ser verificado na “cruzada” da deputada federal Júlia Zanatta (PL-SC) contra o desenho infantil “Galinha Pintadinha”, afirmando que o desenho é doutrinador, possuindo caráter ideológico e “militante do PSOL”, propondo a criação de uma versão conservadora, a “Galinha Armadinha”. (Em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2025/11/deputada-do-pl-afirma-que-galinha-pintadinha-e-militante-do-psol.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2026). O caso aconteceu concomitantemente ao lançamento do episódio “O que está acontecendo com a Galinha Pintadinha?” da Brasil Paralelo.

15 O caso mais recente é do programa “Investigação Paralela: o caso Maria da Penha”, no qual a Brasil Paralelo apresentou um laudo adulterado de exame de corpo de delito do ex-marido da Maria da Penha, Marco Antônio Hereidia Viveiros, para reforçar a versão do assalto. Isso gerou uma onda de ataques à Maria da Penha nas redes sociais. Como resultado, o Ministério Público do Estado do Ceará denunciou, em janeiro de 2026, Viveiros e mais três pessoas envolvidas na produção do documentário, entre eles, dois integrantes da Brasil Paralelo: Marco Vinícius Mantovanelli, produtor do episódio, e Henrique Barros Lesina Zingano, editor e apresentador do episódio. Em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2026/03/10/do->

10 “Versão atualizada de obra de Monteiro Lobato traz trechos reescritos”. (Em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2023-02/versao-atualizada-de-obra-de-monteiro-lobato-traz-trechos-reescritos>. Acesso em: 29/04/2026).

11 “Romances de Agatha Christie têm trechos ‘potencialmente ofensivos’ removidos de novas edições”. (Em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/03/romances-de-agatha-christie-tem-trechos-potencialmente-ofensivos-removidos-de-novas-edicoes.ghtml>. Acesso em: 29/04/2026).

12 “Estátua de Borba Gato é incendiada em São Paulo”. (Em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo/>. Acesso em: 29/04/2026).

em um revisionismo histórico.

A abordagem revisionista por si só não é uma forma de desinformação, tendo em vista que há correntes históricas simpáticas ao termo, pois ela permite a correção de análises tomadas como insuficientes devido às limitações das fontes ou quaisquer desvios ideológicos. O historiador francês Pierre Vidal-Naquet, no entanto, caracteriza os revisionistas de maneira negativa, considerando-os não como aqueles que querem “aperfeiçoar” o saber histórico, mas sim subvertê-lo em prol de interesses próprios que negam a verdade factual¹⁶. O autor afirma, de forma peremptória, que “podemos escrever e devemos discutir *sobre* os ‘revisionistas’; podemos analisar seus textos como fazemos a anatomia de uma mentira, [...] mas não discutir *com* os ‘revisionistas’” (Vidal-Naquet, 1988, p. 11), traçando uma linha epistemológica entre o que deve ou não ser levado em consideração em torno dos revisionismos históricos.

Não obstante, quando o revisionismo dialoga e se retroalimenta de discursos conspiracionistas e extremistas, em uma circularidade que é facilitada pela logística do mundo digital, a sua perspectiva é ressignificada. Quando, por exemplo, os conspiracionistas que defendem a existência das chamadas “antenas HAARP”, as quais, segundo eles, controlam as mudanças climáticas em todo o planeta¹⁷, se deparam com

informações enganosas sobre a atuação de agências espaciais e/ou meteorológicas ao longo da história - vide a teoria conspiratória de que o homem nunca foi à lua, tudo não passando de uma encenação de Hollywood em conluio com a NASA - reforçam os seus discursos e veem as suas falácias ecoarem nas redes sociais, nas *echo chambers*. Essas “câmeras de eco” têm o seu efeito político, segundo Santaella, quando

[...] muito arraigada devido à repetição ininterrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante. Isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propaganda e manipulações, devido à confirmação preconceituosa de suas crenças”. (Santaella, 2018, p.16).

Outro elemento que compõe as “dinâmicas estruturais da desinformação” (Recuero, 2024, p. 86) e está diretamente ligado às câmaras de eco é o processo de construção dos filtros-bolhas. Nos sistemas desinformativos, segundo a autora, “a presença de filtros-bolha é capaz de reforçar a crença na desinformação e, ao mesmo tempo, tornar grupos específicos mais vulneráveis a esse tipo de conteúdo” (p. 90).

Dessa forma, podemos afirmar que o revisionismo histórico nos termos apresentados é um auxiliar desses movimentos de desinformação, mesmo não sendo a sua causa direta. Contribuindo, dentro do sistema desinformativo construído pela empresa, com o reforço de perspectivas e de valores tomados como absolutos, como a construção de um passado mítico desconsiderando todas as dinâmicas, as violências e as contradições do processo histórico, especialmente no que diz respeito à história do Brasil, que é reduzida a uma questão ideológica dos ditos esquerdistas que doutrina a população nas escolas e nas universidades públicas.

cumentario-usou-laudo-falso-para-atacar-ativista-maria-da-penha-diz-mp.ghtml. Acesso em: 04/04/2026.

16 Sobre esse ponto, podemos dialogar diretamente com Eugênio Bucci sobre a importância da verdade factual dentro do debate político: [...] a política sem fatos é um delírio apolítico ou antipolítico, uma guerra entre convicções desprovida de verdade. Isso é tanto mais perturbador quanto mais nos damos conta de que a verdade dos fatos é tão óbvia quanto o sol que faz arder a pele ou o chão de pedra que queima a sola dos pés. Na política, a verdade dos fatos é tão irrefutável quanto a experiência de se sentir o próprio corpo – e, quando ela está ausente da política, o que se instaura é uma forma corrosiva de farsa. (Bucci, 2019, p. 85).

17 Em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/projeto-haarp-entenda-o-projeto-americano-e-as-teorias-da-conspiracao>. Acesso em 06/04/2026.

O Ministério da verdade

Ricardo Ventura é apresentado como psicanalista especialista em microexpressões corporais e linguagem silenciosa, sendo um dos principais colaboradores da empresa quando a temática é verdade, mentira e a grande mídia, sendo a figura de autoridade nesses assuntos. O seu programa “Ministério da Verdade”, publicado entre 2023 e 2024, tem como descrição: “Em um mundo autoritário dominado por narrativas e carente de jornalismo sério, Ricardo Ventura enfrenta o sistema para transmitir a verdade por trás das *fake news*. Com bom humor, e pitadas de sarcasmo, iremos mostrar o que a grande mídia esconde de você”. Aqui observamos a associação feita pela Brasil Paralelo entre a grande mídia e o departamento que manipulava as notícias na obra de Orwell, já que um dos principais alvos da empresa no seu projeto político-cultural é a mídia tradicional, como já pregava Olavo de Carvalho. Além disso, a abertura do programa traz os seguintes dizeres:

Notícias são notícias através do entendimento frio das palavras? Será que eu posso embutir significado obscuro através de adjetivos, entonações ou expressões faciais? Será que é possível despiorar o fato? Ou ainda, induzir o ódio ou transformar, relativizar um problema com pequenos toques da linguagem silenciosa? Sim, senhoras e senhores, é isso que nós vamos revelar, descobrir e chan-celar aqui no Ministério da verdade, na Brasil Paralelo!

Essa formação discursiva, na qual “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (Orlandi, 2015, p.40), apresentada já no início do programa, circunscreve o que Ventura vai compreender por notícia, fato e mídia como um todo, pois, essas palavras “‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.” (p.40).

Essa associação fica ainda mais clara quando analisamos os episódios que compõem o programa disponíveis no streaming *Spotify* (que consiste numa coletânea de cortes dos epi-

sódios completos presentes na BP Selection), em que o apresentador convoca o público para se tornarem “agentes da verdade”, em um novo paralelo com a obra, no qual os próprios cidadãos eram imbuídos a denunciar qualquer comportamento subversivo dentro da sociedade distópica da Oceania apresentada por Orwell. Aqui encontramos uma contradição com o que é dito no episódio sobre o livro em outro programa da produtora. No programa Insight BP, citado anteriormente, uma das críticas vista como permanência da distopia é justamente a de pessoas próximas, citando o caso Pavlik Morozov, ocorrido na década de 1930 na União Soviética.

Os grandes veículos de mídia, como os jornais Estadão, O Globo, G1, Folha de S. Paulo, por exemplo, são tomados como “militância” e “agências de publicidade”, considerando as suas notícias tendenciosas visando atacar a direita e os movimentos conservadores e reacionários, como o trumpismo e o bolsonarismo. O discurso ainda permeia os campos do anti-intelectualismo, quando o tema é negacionismo. Em linhas gerais, o “jornalismo de esquerda” é tudo que está a favor do governo, dos movimentos progressistas que estão a serviço “Ministério da Verdade” do governo Lula.

Dentro de nossa análise, podemos utilizar o exemplo sobre um caso envolvendo o Ministro Flávio Dino. Em uma publicação na rede social X, Dino, se referindo indiretamente ao jornalista Alexandre Garcia, da Revista Oeste. Na época, o jornalista acusou o governo petista de ser o responsável pelas enchentes e, consequentemente, pelas mortes ocorridas. Essa acusação falsa rapidamente se alastrou, exigindo a ação rápida do governo para desmentir¹⁸. Ao criticar as falas do jornalista, Flávio Dino

18 “Entenda como começou a circular a fake news difundida por Alexandre Garcia sobre as enchentes no RS”. (Em: <https://oglobo.globo.com/google/amp/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2023/09/como-comecou-a-circular-a-fake-news-difundida-por-alexandre-garcia-apos-enchente-no-vale-do-taquari-no-rs.ghhtml>. Acesso em 29/04/2026).

afirmou que *fake news* é crime no Brasil, o que gerou uma nota da comunidade corrigindo a informação. Esse fato foi utilizado amplamente por veículos da direita como um exemplo de *fake news*, subvertendo os entendimentos sobre o conceito e reforçando essa visão da mídia como o “Miniver”¹⁹.

Podemos associar a perspectiva da empresa sobre o conceito com a definição dada com um carregado teor ideológico no já citado episódio “Fake News”, do programa Rasta News:

Apesar de uma mentira ser apenas uma mentira, hoje podemos diferenciar uma mentira do mal e uma mentira do amor. Graças a essa porcaria da expressão *fake news*, conseguimos dar aí a impressão de que algumas notícias e informações falsas são muito mais perversas do que as outras.

Entre críticas ao uso do termo e à existência de agências de checagem, *fact-checking*, para combater a disseminação dessas notícias falsas, o apresentador descredibiliza qualquer tentativa de averiguação, assim como desloca no tempo e espaço o debate, apresentando as *fake news* como mentiras que sempre existiram - debate já superado (Martins, 2020; Recueiro, 2024) - e colocando a grande mídia como inimigos da pequena mídia e das redes sociais, afirmando que a “clá-mídia” não é nada senão um instrumento do “Ministério da Verdade”, concluindo a relação com a obra 1984: “Porra,

19 Além da própria Brasil Paralelo, jornais digitais como o Diário do Poder e a Gazeta do Povo, ambos abertamente alinhados à direita no campo político, enfatizaram o caso como sendo uma fake news do ministro. Além disso, a matéria da Gazeta do Povo relaciona o caso e a atuação da então recém-criada Procuradoria Nacional da União de Defesa da Democracia (PNDD) ao constructo literário de Orwell, pois, agiria como “uma espécie de órgão censor para identificar e punir críticos do governo, que vem sendo chamada de ‘Ministério da Verdade’”. (“Tuite de Flávio Dino sobre fake news ser crime é checado e desmentido na rede”. Em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/tuite-de-flavio-dino-sobre-fake-news-ser-crime-e-checado-e-desmentido-na-rede/>. Acesso em: 29/04/2026).

parabéns aí, Orwellinho, de novo, aí, tu querendo denunciar alguma coisa de forma tão lúdica e criativa e termina servindo menos de denúncia e mais de inspiração para os totalitários modernos, né?”.

A novilíngua e o duplipensar

Outro elemento da obra de Orwell utilizado de maneira direta é a “Novilíngua”, tema de um episódio do programa Rasta News e presente em outros episódios da produtora. Aqui, o apresentador discute como o controle da língua se torna uma ferramenta ideológica da esquerda e que “terminou virando o manual de instruções do sistema educacional do ocidente inteiro”.

A definição de novilíngua apresentada no programa, tomada aqui como uma visão poética, profética e extremamente influente, afirma que ela consiste em “uma linguagem que vem expressar as crenças do partido” e que “opera com um mecanismo de supressão e simplificação” visando “a diminuição do vocabulário”. Aqui temos uma simplificação que atende ao caráter mais informal do programa, mas que dialoga diretamente com a definição presente no programa Insight BP, que possui um tom mais sério

O partido percebeu que toda ação começa com um pensamento e todo pensamento precisa ser expresso em palavras. Assim, se certas palavras forem suprimidas ou distorcidas, o pensamento será suprimido ou distorcido junto com elas. Sem conseguir pensar direito, as pessoas se tornam menos inteligentes, menos capazes de articular suas experiências. A *novilíngua* é uma versão empobrecida do inglês que usa cada vez menos palavras para limitar a habilidade do indivíduo de pensar e comunicar conceitos abstratos.

Essas definições direcionam a discussão para outro conceito derivativo da novilíngua: o duplipensar. Esse conceito consiste, como afirmado anteriormente, na conciliação de pensamentos contraditórios como sendo ambos válidos. No programa Insight BP, é definido um

elemento que visa “forçar o falante a aceitar termos mutuamente contraditórios com naturalidade, mutilando a coerência interna em nome da lealdade ao partido”.

No entanto, no programa Rasta News, direcionando o conceito para o campo do debate político, o apresentador, em tom mais incisivo, reforçando o posicionamento contra os esquerdistas, o reforça o seu posicionamento, assim com o da Brasil Paralelo, ao público:

[...] vale a pena lembrar a lição principal que sempre salientamos aqui no Rasta News, né, meu irmão: as contradições que você vê no esquerdista não são acidentais e nem são a boa e velha hipocrisia, né, meu amigo. Aquele tributo que o vício paga a virtude, mas, eles são exercícios de *duplopensar*. Como diz o próprio órgão: é reconciliando as contradições que o poder pode ser mantido indefinidamente.

O debate ganha contornos mais agudos quando o objeto de debate é o marco civil da internet, o que é visto como um exemplo prático da novilíngua e do duplipensar

[...] vamos para o agora, né, vamos a mais exemplos de como a novilíngua emplaca o *duplopensar* em geral enquanto você fica reclamando ali das “hipocrisias da esquerda” como se fosse adiantar de alguma coisa, meu irmão. Um deles é o velho e bom marco civil da internet. Porra, meu irmão, quem não lembra? É marco, é civil, é internet, me amarrei! O marco civil da internet veio para garantir uma internet livre. Mas porque que precisava de marco civil se a internet sempre foi livre? Quando o governo aparece ali para garantir que alguma coisa seja livre, meu amigo, pode ter certeza que ele está usando a novilíngua e que o que ele quer é justamente tirar a sua liberdade.

Nesse momento, o programa entra no ponto crucial, ao “criticar” os desdobramentos do marco civil, assim como das outras ações do governo e questões sociais

Mas é que tão logo o marco civil da internet foi aprovado, começaram a surgir o que, os juizecos ali, semideuses para tirar o *Whatsapp* da galera, né, tirar o *Whatsapp* do ar quando eles bem entendiam, baseado em que? No

mesmo marco que deveria impedir que esse tipo de coisa acontecesse e que não acontecia antes. E a lista segue, né, mermão? Quer promover a eugênia e matar homens e mulheres no ventre? Basta chamar de direitos reprodutivos. Quer antagonizar e fomentar a desigualdade entre as raças, já que o antagonismo de classe não deu certo? Basta criar ali o Ministério da Igualdade Racial. Quer transformar a educação do país em uma das piores do planeta? Meu irmão, é só gastar ali ó, rios de dinheiro com um negócio chamado Ministério da Educação. [...] Quer gastar o dinheiro dos outros que já não vale o que ele diz que vale? Chame de investimento público. Quer taxar as pessoas sem aumentar imposto? Quer destruir as economias familiares transformando, aí, as gerações futuras em escravos? Basta expandir uma base monetária [...].

Os episódios, mesmo se utilizando de estruturas narrativas diferentes, conseguem relacionar os conceitos desenvolvidos por Orwell a questões da atualidade ao mesmo tempo em que reforçam o discurso da produtora. Ao discutir e relacionar a manipulação da mídia pela esquerda e pelo governo com o Ministério da Verdade, assim como elencar a novilíngua como uma das principais ferramentas dessa manipulação, temos uma estratégia de anular as críticas que a empresa possa vir sofrer pelos seus posicionamentos. Essa subversão do debate público em torno da desinformação é o que chamamos de metalinguagem da desinformação ou desinformação de primeiro estágio. Novamente, posicionamentos ideológicos, temas conspiratórios, preconceitos, entre outros dialogam com a desinformação, apresentados dentro de uma formação discursiva que tenta gerar ruído comunicacional e com isso obter ganhos políticos, culturais, econômicos e sociais.

Além disso, há a dimensão prática da desinformação: ao apresentar casos atuais como sendo “resultados” das práticas de manipulação, assim como o comportamento dos esquerdistas e do governo, observamos que o objetivo maior é impactar de maneira efetiva a realidade. Ao gerar descrédito com a mídia tradicional, a empresa busca abrir caminho para as mídias alternativas, que por seu turno, possuem menor ou nenhum rigor editorial, nem com o público nem como a verdade factual. Em relação ao go-

verno, esse discurso desinformativo influencia diretamente na visão que a população tem sobre os governantes, especialmente os considerados de esquerda. Logicamente, esse discurso endossa a ação de políticos e grupos alinhados aos posicionamentos ideológicos da Brasil Paralelo, minando o debate público ao manipular e direcionar as informações, reforçando preconceitos, enviesando perspectivas e agravando cada vez mais a crise comunicacional.

Considerações finais

Como conclusão, observamos que os caminhos utilizados pela produtora para discutir o livro de George Orwell, mesmo com suas contradições, visam chegar no mesmo destino: a desinformação como uma forte ferramenta ideológica no campo político, cultural e social. Aqui, a construção do discurso desinformativo é pautado na subversão do debate sobre temas como *fake news*, censura, manipulação da mídia, entre outros elementos da desinformação, com o intuito de agravar a crise comunicacional e com isso obter ganhos políticos e econômicos com isso. A apropriação de uma obra clássica como *1984* para atingir tais objetivos é significativa por sua aproximação com o senso comum. Esse aspecto de autoridade fortalece o seu uso, gerando capilaridade no público que consome as leituras enviesadas da obra pela produtora.

Caminhamos cada vez mais para o agravamento dessa crise comunicacional, tendo em vista os rumos que a plataforma da sociedade vem tomando. Há necessidade de ampliar o debate público em torno das questões que envolvem a desinformação, especialmente temas que estão ligados à regulamentação. Quem entendeu o jogo das plataformas e os seus mecanismos larga na frente nas disputas políticas e sociais. A preocupação de imediato é não permitir que essa corrida seja definida antes mesmo de seu início.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Helena Martins do Rêgo (Org.). **Desinformação: crise política e saídas democráticas para as Fake News**. São Paulo: Veneta, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.
- BUCCI, Eugênio. **A razão desumana: cultura e informação na era da desinformação inculta (e sedutora)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025.
- CARVALHO, Olavo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FAKE NEWS - Rasta News. [S.I.]: Brasil Paralelo, 27 mai. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6yxR18xmX-3TxE6tSdrA3bh>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GUERRA CULTURAL - Rasta News. [S.I.]: Brasil Paralelo, 30 out. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/594oIrLcAB0nWrsqxJr54H>. Acesso em 16 set. 2025.
- LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.
- MACIEL, Fabrício; MATTOS, Patrícia. Como pensar o capitalismo contemporâneo? Considerações preliminares. **Revista Sociedade e Estado**, v.35, n.3, p.673-694.

MARXISMO CULTURAL - Magna Carta por Ricardo Gomes. [S.I.]: Brasil Paralelo, 14 mar. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5paTLUUsqmw3Vf13JA-ZdIx>. Acesso em: 02 jul. 2025.

MINISTÉRIO DA VERDADE #1 - com Ricardo Ventura. [S.I.]: Brasil Paralelo, 29 out. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5ZRuxPqmNKuyti4I-cA0cnE>. Acesso em: 30 mar. 2026.

MINISTÉRIO DA VERDADE #2 - com Ricardo Ventura. [S.I.]: Brasil Paralelo, 29 out. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7qZg8s9k2AIVa76lpH6Azt>. Acesso em: 30 mar. 2026.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NOVILÍNGUA - Rasta News. [S.I.]: Brasil Paralelo, 15 ago. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2H6kPH-cb7kXYNJSOtocBDc>. Acesso em: 04 abr. 2026.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.

ORWELL, George. **Dentro da baleia e outros ensaios**. Jandira, SP: Principis, 2021b.

ORWELL, George. **O que é fascismo? E outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021c.

RECUERO, Raquel. **A rede da Desinformação: sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2024.

ROCHA, João C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio**. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROCHA, João C. de C. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

ROSA, Pablo Ornelas (Org.). **Fascismo Tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

ROSA, Pablo Ornelas (Org.). **Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

SANTAELLA, Letícia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. (Coleção Interrogações).

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da Literatura**. Belo Horizonte: Moinhos; ContaFios, 2019.

SAPIRO, Gisèle. **É possível dissociar a obra do autor?** Belo Horizonte: Moinhos, 2022.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

Submissão: junho de 2026

Aceite: agosto de 2026